

## ARTES PLÁSTICAS

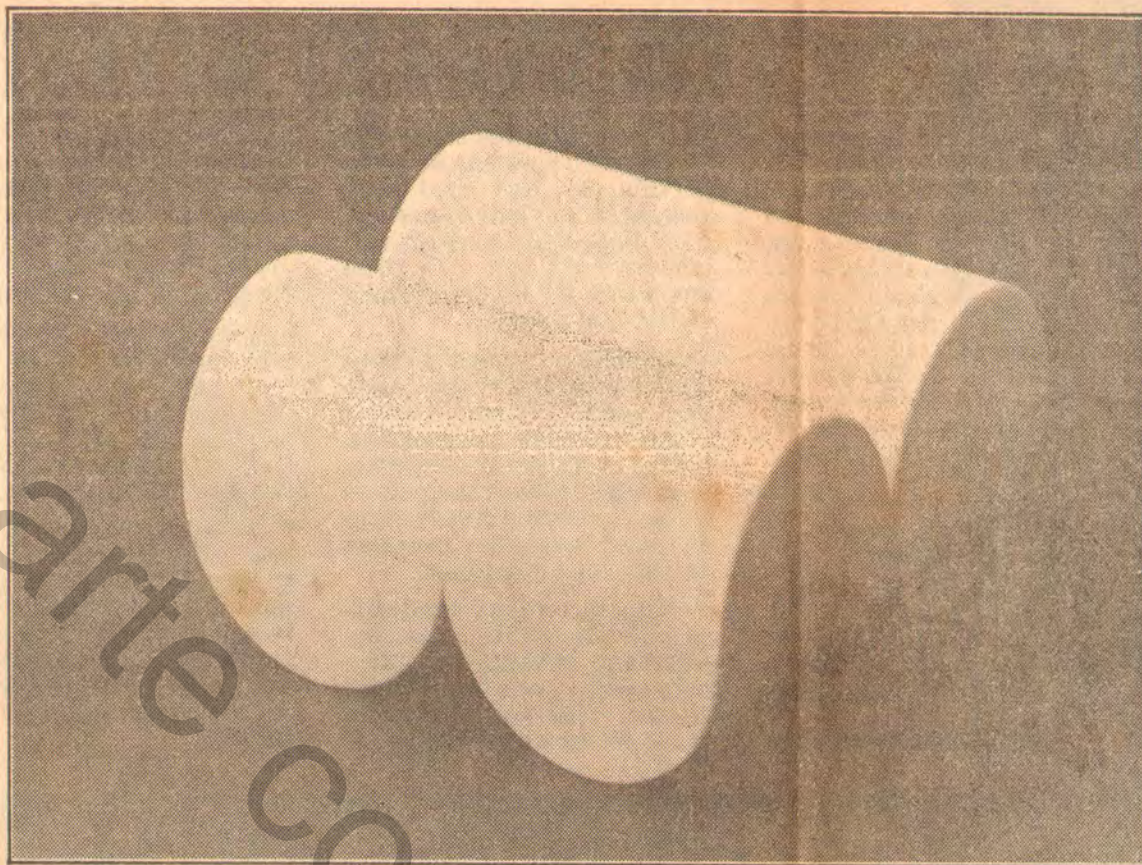
# O IMPÉRIO DA RAZÃO

Wilson Coutinho

“**A**S esculturas manifestam a imobilidade do espírito”, dizia o velho Hegel referindo-se a estatuária grega. Foram precisos alguns anos e outra fenomenologia — a de Husserl, a de Sartre e a de Merleau Ponty — feitas não evidentemente para descrever o movimento das esculturas, mas para tornar o espírito ou o imaginário propensos às evoluções. Grécia, mármore. A exposição de Sérgio Camargo (até 21 de setembro no Espaço ABC, Parque da Catacumba, Lagoa) são referências sempre fantasmáticas sobre isso. Foi o Romantismo e a sua idealização que viu a Grécia sustentada por mármore branco. Lá, de verdade, eles eram pintados e mais esfuziantes. O tempo tornou claro o classicismo.

Sérgio Camargo expõe: maquetas, esculturas médias, um relevo. Fundamentalmente, ele trabalha com o mármore. Mas lá na sua exposição o olho divaga. Velho olho humano, acostumado a só ver, tem lá de celebrar um convite com a razão. E o olhar, todos sabem, é uma surpresa para o dizível. O olhar não fala. A gramática, a ordem sintática, exprimem somente a diferença entre o que é distribuído pelas imagens e o que é captado pela linguagem.

Diante da imagem, a linguagem é um cicerone: não o objeto total da descoberta. A linguagem circula. É a linha oscilante. Não é Teseu e muito menos o labirinto. A imagem sim, pode ser as duas coisas e não participa da retórica do encontro. Propõe, ao contrário, distâncias. Todos nós temos uma certa experiência da distância: elas nos é dada pelo espaço. As imagens propostas por Camargo, através das esculturas, estão lá banhadas pelo espaço e inundadas pela distância obsessiva que a linguagem procura, sem cessar, diminuir. Há alguns modelos de aproximação. O projeto de Camargo é inteligível à luz da história da arte moderna, na medida em que pertence a lógica construtiva e a sua natureza altamente racional. É verdade que o cubismo foi um movimento especulativo



Escultura em mármore de Carrara exposta no Espaço ABC



As formas torcidas nas esculturas de Sérgio Camargo

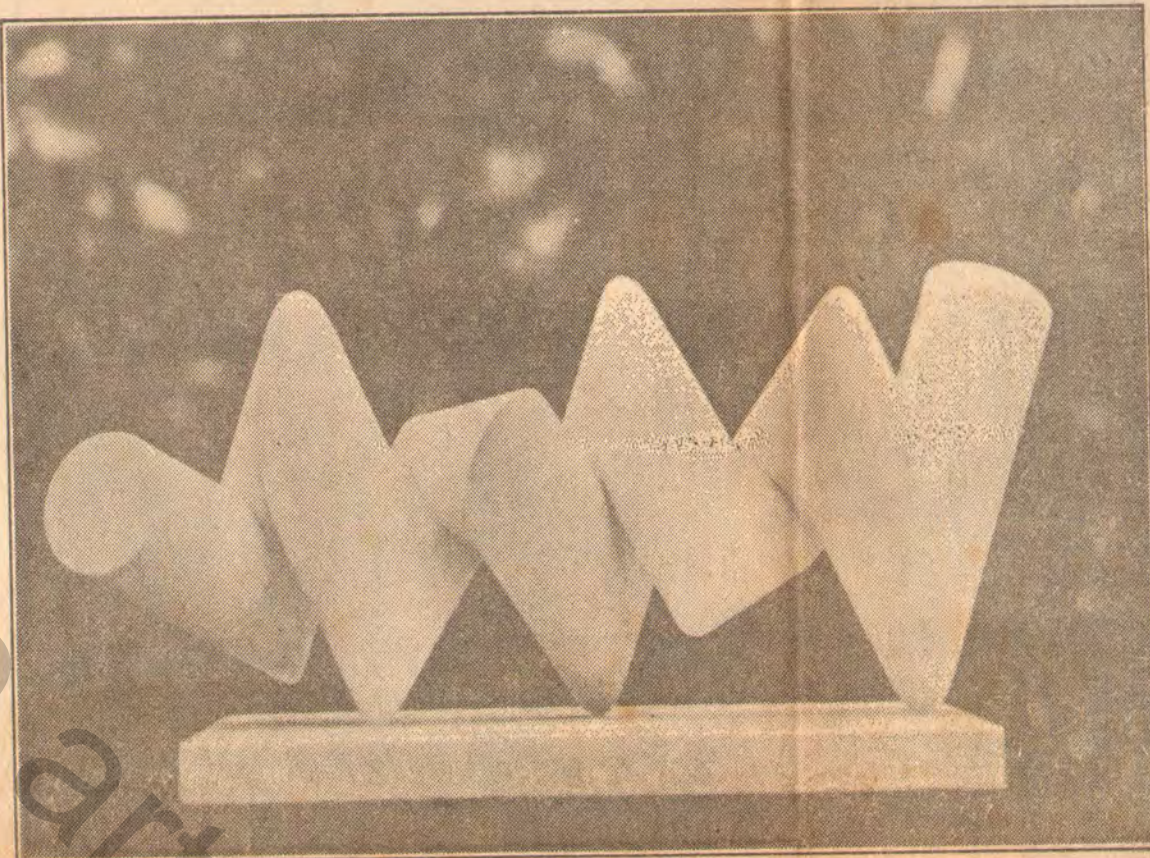
essas podiam tranquilamente a racionalidade, corrompendo a luminosidade da altura do

Sérgio Camargo expõe: maquetas, esculturas médias, um relevo. Fundamentalmente, ele trabalha com o mármore. Mas lá na sua exposição o olho divaga. Velho olho humano, acostumado a só ver, tem lá de celebrar um convite com a razão. E o olhar, todos sabem, é uma surpresa para o dizível. O olhar não fala. A gramática, a ordem sintática, exprimem somente a diferença entre o que é distribuído pelas imagens e o que é captado pela linguagem.

Diante da imagem, a linguagem é um cicerone: não o objeto total da descoberta. A linguagem circula. É a linha oscilante. Não é Teseu e muito menos o labirinto. A imagem sim, pode ser as duas coisas e não participa da retórica do encontro. Propõe, ao contrário, distâncias. Todos nós temos uma certa experiência da distância: elas nos é dada pelo espaço. As imagens propostas por Camargo, através das esculturas, estão lá banhadas pelo espaço e inundadas pela distância obsessiva que a linguagem procura, sem cessar, diminuir. Há alguns modelos de aproximação. O projeto de Camargo é inteligível à luz da história da arte moderna, na medida em que pertence a lógica construtiva e a sua natureza altamente racional. É verdade que o cubismo foi um movimento especulativo sobre a superfície, a figura, o plano, etc, mas o construtivismo buscou uma racionalidade ostensivamente prática, procurando difundir na comunidade. Foi uma ideologia da razão englobando esculturas, edifícios, vestimentas, cadeiras e avenidas.

Provavelmente, havia no construtivismo uma concepção humanística segregando uma limpeza ocular pela forma e também um desejo de conforto ambiental e urbano para o homem. O construtivismo foi uma espécie de classicismo dos tempos modernos, regulado por leis, regras e o convite humanitário para a excelência e a majestade da Ordem. Se atualmente a racionalidade europeia, aquela mesma nascida da ironia socrática em épocas de harmonia comunitária da arte, já não é mais um ponto de honra dos homens de fé, foi porque em nome da ordem — esse devaneio contra as feridas da história e do processo capitalista — ela assumiu e revelou a astúcia do seu negativo, isto é, que a ordem desejada estava envolta no capuz do controle, esse carrasco decapitando as cabeças dos homens de boa vontade. Controle formal, perceptivo, ideologias urbanas, onde todos poderiam conviver sem problemas nessas cidades ideais, com obras de arte ideais. Diferentes da República platônica que expulsara os poetas,

## Escultura em mármore de Carrara exposta no Espaço ABC



As formas torcidas nas esculturas de Sérgio Camargo

essas podiam tranquilamente expulsar a Teoria Política. Se Brasília não tem esquinas é porque os homens podem abraçar-se idilicamente debaixo dos pilotis. E por que Hobbes, esse homem impiedoso que dizia, sem remorsos, que o homem é o lobo do homem? O construtivismo propunha não a ordem, mas a Ordem. E o homem não é um lobo, mas um animal racional.

Essa ideologia da comunidade orgânica e harmoniosa revelou afinal que a Ordem e a Razão não são entidades ideais pairando acima da mesa de um homem de negócios e muito mais acima de um motim num Quartel General. Se existe uma fatalidade na ideologia construtiva foi porque ela não sonhou como os surrealistas, admitindo que a irrupção da irracionalidade exprimissem um valor ético superior ao sonho construtivo e que afinal, mesmo a loucura construída, não passa de uma farsa histórica.

Os trabalhos de Camargo compreendem muito bem a ambivalência da ideologia construtiva. Eles não poderiam se definir e de forma tão brasileira sem essa coisa que escapa a vigilância marota da Razão que quer evitar surpresas e esquinas tumultuadas. As esculturas e relevos são construtivos e participam da sua formulação geral, mas existem neles uma fórmula de corrosão contra a iden-

tidade racional, corrompendo o sublime de sua imagem peregrina. Os trabalhos rasuram a Ordem, mas não a esquece. As esculturas de Camargo não são uma administração burocrática sobre a forma. Elas propõem uma dialética entre o olho e o espírito. Entre a luz e a sombra. Entre a matéria e o espaço. Indicam através de formas retorcidas o intranquilo rigor da serenidade insatisfeita. Elas se movimentam, mas não porque exista uma ação exterior, da natureza, por exemplo. Elas se movimentam dentro da sua própria dialética, armando e definindo novas perspectivas formais. O espírito lá é móvel.

A atual exposição é determinada para o auscultamento do olho didático. Foi essa, inclusive, a proposta do escultor colocando no Espaço ABC maquetes de trabalhos que foram construídos em grandes proporções como a escultura *Homenagem a Brancusi*, que está em Bordeaux. Outras são formulações de seqüências, onde o espectador pode acompanhar o desenvolvimento de um trabalho para outro. Uma nova escultura de Camargo, em mármore negro (é a primeira vez que o artista trabalha com mármore dessa cor) paira no centro da galeria como se estivesse atenta a espacialidade conquistada pela brancura mallarmaica do ambiente e propondo, também ela, um devaneio de desordem, uma metáfora da sombra, con-

tra a luminosidade da alvura do mármore.

No catálogo, um texto de Ronaldo Brito situa estrategicamente a obra do escultor no nosso meio cultural que é sempre muito afoito para fazer o elogio do real quando trespassado em figurações, como se o real pudesse aderir tão ostensivamente as imagens circundantes do nosso mundo empírico. "Falar em formalismo" — diz Brito — "é querer sublimar as operações concretas do trabalho em seu domínio específico, em benefício de conteúdos, estes sim, imaginários porque decalcados do mundo empírico (como se o Real pudesse nos chegar sob a forma simples de figuras). Atrás do rótulo formalista se esconde quase sempre o velho e arraigado preconceito substancialista da crença de que as representações correspondem à essência imutável das coisas." Texto estratégico em relação ao trabalho de Camargo, que Brito vê no nosso ambiente sofrendo, em 1980, a censura ostensiva da oração pragmática que considera um dilúvio da razão trabalhos que exigem exatamente um exercício dela e que devem ser alargados por um olhar que não pode sucumbir a monotonia e a tristeza dos lugares comuns. Nem mesmo para a facilidade política que quer demonstrar que o visível é isso que você está vendo diante dos seus olhos, companheiro.